

A cisão no campo socialista¹

Erico Sachs

O recente desempenho da política chinesa, a viagem de Deng-Xiaopin aos Estados Unidos, a agressão chinesa ao Vietnã e a política externa de Pequim, que não é de hoje, levantam a pergunta sobre o papel que a China desempenha no quadro da divisão do mundo em dois campos antagônicos. É evidente que a atual política de Pequim não desmente a contradição fundamental de nosso globo em dois sistemas sociais e políticos irreconciliáveis, como pretendem os "terceiro-mundistas", por exemplo. Muito pelo contrário, a confirma. A China, simplesmente, procura aproveitar as contradições existentes em escala mundial em proveito próprio passando com isso por cima de todos os interesses da Revolução Mundial e do proletariado internacional.

É verdade que a União Soviética também já agiu dessa maneira e, vistas as coisas por este ângulo, as duas maiores potências do mundo socialista poucas razões teriam para se recriminarem mutuamente. Só queremos lembrar a traição da Revolução Espanhola, em 1936, o terror staliniano dirigido contra os próprios companheiros, o sufocamento violento de soluções próprias nos países aliados, a política externa, que sacrificou a revolução socialista na Europa Ocidental, em 1945-1947 etc. Se hoje países governados por comunistas conhecem conflitos armados de fronteira e se soldados comunistas são obrigados a atirar contra seus semelhantes, aí temos o prosseguimento de uma tradição criada na época mais negra da história da União Soviética.

A China alega que a origem do conflito com os dirigentes soviéticos esteve na retirada dos técnicos e a suspensão repentina da ajuda por Moscou, na década de 1960, fato que prejudicou e atrasou profundamente a sua construção socialista. É uma acusação válida e uma denúncia justificada. Acontece, todavia, que a própria China já repetiu esse ato condenável pelo menos três vezes. Em relação a Cuba, quando suspendeu o fornecimento de arroz, em meados dos anos 1960, em relação à Albânia e ao Vietnã, em 1978.

Os paralelos não acabam aqui. As duas potências tiveram reações semelhantes quando países socialistas vizinhos pretendiam unir-se em federações, para juntarem os seus esforços na construção.

Tal foi a atitude da União Soviética em relação à intentada Federação Balcânica, em 1945, tal a atitude da China em relação a uma federação dos povos da Indochina, presentemente. As duas potências preferem tratar isoladamente com países mais fracos. A Federação Balcânica não tinha chances de realização contra a vontade soviética. A China usou o Camboja para torpedear uma Federação Indochinesa. Ambas as potências se utilizaram das animosidades nacionais, herdadas das antigas sociedades exploradoras, para esse fim.

Se as duas potências socialistas não têm como se recriminar, assim mesmo surgiu um fator novo nas relações entre países comunistas. Nova é a "expedição punitiva", que excede tudo que já se ouviu da boca de dirigentes comunistas. Expedições punitivas são ações de grandes potências contra países menores — somente um mais forte pode punir um mais fraco — e lembram de uma maneira deveras infeliz a política colonial das potências europeias, como a expedição punitiva contra a Rebelião dos Boxers, na China, no início do século. A última vez que essa terminologia (salvo engano) surgiu na linguagem diplomática foi na Revolução Mexicana, quando tropas de Pancho Villa desrespeitaram a fronteira norte-americana.

No caso do Vietnã, a expedição punitiva visava confessadamente dar uma "lição" ao vizinho comunista, isto é, prejudicar sensivelmente a sua construção socialista. Quando os "comunicados da vitória" falavam orgulhosamente de matança de 10 mil "inimigos", esquece-se facilmente de que se trata da morte de operários e camponeses que recentemente ainda combateram e venceram o exército do imperialismo mais poderoso do mundo, numa guerra revolucionária, que nas últimas décadas simbolizou e mobilizou em escala mundial a resistência contra a agressão imperialista.

Por que esse procedimento brutal da China contra o Vietnã? Qual a origem do conflito entre os dois países? Em primeiro lugar, como já mencionamos, a China resiste à formação de uma federação no Sul, que abranja os três países da antiga Indochina, que seria capaz de seguir uma política própria. Em segundo lugar, cita-se frequentemente o perigo do "cerco" da China — no Norte, a União

¹ Texto originalmente publicado como anexo ao texto "Subsídios para uma análise da situação internacional", na revista *Marxismo Militante*, nº 7, mar. de 1980.

Soviética, no Sul, uma federação aliada à Moscou. É problemático, entretanto, qual o papel que o Vietnã podia desempenhar num "cerco" desses. Militarmente, o Vietnã é forte na defesa do seu território, mas não é uma força ofensiva, que possa ameaçar a China. (Deixando de lado aqui se Hanói se prestaria a uma aventura desse gênero.)

Mas, antes de tudo, é preciso ver que a recente orientação pró-soviética de Hanói já é resultado da política chinesa. O Vietnã, desde o início do conflito sino-soviético, procurou manter equidistância entre dois lados, revelando extremo cuidado para não se deixar envolver. Achou prejudicial o modo como foi travado o conflito e nocivo para sua própria luta. Aguentou pacificamente quando o conflito começou a se fazer sentir sobre o seu próprio esforço de guerra e só à meia voz se queixava amargamente do fato de os chineses dificultarem o trânsito de trens russos com armamentos, sob pretextos puramente formais. A China teve de respeitar a equidistância vietnamita enquanto durou a guerra da libertação. Terminada a guerra e especialmente depois da reunificação das duas metades do Vietnã, colocou a liderança em Hanói perante a alternativa de adesão às suas posições ou de aguentar consequências de uma piora das relações. Aproveitou o Camboja para fazer pressão contra Hanói. A irresponsabilidade dos dirigentes do "comunismo da idade da pedra" impôs a Hanói uma guerra de desgaste na fronteira e ameaçou tornar-se um ônus permanente para o país já desgastado por trinta anos de guerra de libertação. A isso vieram pressões diretas chinesas, acompanhadas por incidentes armados na fronteira Norte, sob o pretexto de maus tratos da maioria chinesa. (Os chineses no Vietnã fazem parte, em sua maioria, da pequena burguesia proprietária que resiste às medidas progressivas de socialização.) A conclusão do tratado entre Hanói e Moscou foi resultado concreto dessas pressões externas.

Se as grandes potências do mundo socialista — como já salientamos — não têm como se repreender mutuamente, nem as suas relações com seus vizinhos menores nem com a classe operária dos países capitalistas, como então devemos orientar-nos nos conflitos entre elas?

Como comunistas devemos orientar-nos pelos interesses da Revolução Mundial, isto é, devemos apoiar todos os acontecimentos, todos os fatores, que favoreçam a expansão ou preparem o caminho de revoluções nacionais, proletárias ou de libertação nacional e que enfraqueçam o mundo capitalista, respectivamente, o campo imperialista. Da revolução faz parte também o fortalecimento dos países socialistas, que já destruíram a antiga ordem exploradora dentro das suas fronteiras; trata-se de posições que devem ser mantidas e consolidadas.

Lênin, em 1917, já salientara que era dever das revoluções vitoriosas ajudar a luta pelo poder do proletariado nos países capitalistas. Naquele momento, colocou o problema ainda de um ponto de vista moral. A experiência, até agora, mostrou que tal moral revolucionária rege, sobretudo, as relações externas de revoluções novas, que têm relativamente pouco a perder (a construção socialista ainda não entrou no primeiro plano das preocupações). Revoluções novas veem antes de tudo o problema da sua sobrevivência ligado à destruição da ordem capitalista nos países vizinhos. A experiência mostrou igualmente que o isolamento prolongado de uma revolução (da russa entre as duas guerras; o isolamento voluntário da China, desde 1961, e, principalmente, com a Revolução Cultural) no meio de um cerco capitalista coloca o problema da sobrevivência em termos nacionais em primeiro plano.

Essa preocupação de sobrevivência num mundo capitalista fez a União Soviética, antes da guerra, sacrificar a Revolução Espanhola e mandar os PCs colaborarem com as "burguesias progressistas" das potências democráticas da Europa Ocidental, aliados potenciais contra a Alemanha Nazista. Mas foram igualmente os problemas da sobrevivência nacional que fizeram a União Soviética levar o socialismo até o centro da Europa, com o desfecho da guerra. Na medida em que o Exército Vermelho avançava, tinha de socializar os meios de produção e destituir as antigas classes dominantes nos países conquistados. Impedido pelas necessidades de sua segurança, ela não podia agir de outra maneira, embora isso tenha se dado de uma forma que não encorajava a revolução do Ocidente da Europa. A direção soviética não soubera avaliar corretamente a nova situação criada com a derrota das potências do Eixo, erro pelo qual está pagando caro hoje.

A nova situação criada, que se cristalizara logo nos primeiros anos do pós-guerra, caracterizou-se principalmente pelo fato de a União Soviética não poder mais aproveitar-se das contradições interimperialistas para enfrentar os perigos de uma nova guerra. Não podia mais aliar-se a uma fração de imperialistas contra a outra. Ela só podia contar com seus próprios recursos e os dos seus aliados no campo socialista. Hoje vemos a União Soviética apoiar novamente as revoluções e os movimentos revolucionários no mundo capitalista. Apoiou e continua apoiando materialmente a construção socialista de Cuba e no Iêmen do Sul. Apoiou decisivamente as revoluções em Angola e na Etiópia. Também hoje age impelida pelos interesses de sua segurança nacional, em confronto com o imperialismo em escala mundial. Também nesse caso, em última instância, não pode agir diferente,

pois é parte ativa num conflito de dois sistemas mundiais irreconciliáveis, dos quais só um poderá sobreviver e só sobreviverá se se expandir em escala mundial e eliminar o outro da face da Terra. De maneira que, apesar de todos os momentos de acomodação e de tentativa de conciliação, de atenuação dos antagonismos com o mundo imperialista, a burocracia soviética não pode deixar de empenhar-se latente e constantemente na expansão do campo socialista. Sua limitação é o risco de precipitar uma nova guerra mundial.

A China escolheu um caminho diferente e ela o pôde escolher justamente porque existe a União Soviética como potência em condições de enfrentar o imperialismo americano. É este fato que lhe permite tirar proveito do antagonismo existente entre os dois sistemas sociais.

Depois da morte de Mao-Tse-Tung houve uma mudança qualitativa na política interna chinesa. Abandonou-se a linha esquerdista da manutenção de tradições e valores guerrilheiros, com sua autossuficiência, que levou a uma estagnação econômica incapaz de solucionar os problemas internos mais preeminentes. Não temos razões de querer criticar esse aspecto da política chinesa, mesmo se o pêndulo agora bater em direção oposta e revelar traços direitistas. O socialismo na China sobreviverá também à fase do extremo oposto. Não temos razões também para criticar o fato de Pequim ter decidido procurar créditos no Ocidente capitalista. Os créditos e a tecnologia ocidentais servirão à construção socialista e à industrialização. Nesse sentido, e com bastante atraso, a China se encontra hoje num estágio histórico do seu desenvolvimento análogo ao da União Soviética no início dos Planos Quinquenais. O que devemos criticar em política externa é o preço que está disposto a pagar e que já está muito alto, quando se reconhece como aliada contra o "social-imperialismo".

Na política externa chinesa não há essa quebra qualitativa, que se observa na interna. De Mao-Tse-Tung, passando pelo "Bando dos Quatro", a Deng e Hua, existe uma continuidade, e a atual linha de política externa é uma consequência lógica da visita de Nixon e Kissinger a Mao.

O conflito com a União Soviética foi iniciado pela liderança chinesa sob a bandeira da luta contra o "neorrevisionismo". Pequim acusava os dirigentes soviéticos de "antileninismo", de colaboração com o imperialismo norte-americano, de ter concordado com a divisão do mundo em "zonas de influência". Embora possa ter reinado essa impressão, a realidade desmentiu essa acusação e mostrou que o respeito da zona de influência não passava de uma questão de relações de forças. A guerra do Vietnã já o tinha demonstrado e, com o apoio das revoluções africanas, a União Soviética interveio ostensivamente na zona de influência alheia, quando se sentiu bastante forte para isso. Com o desenrolar do conflito, mudou a tônica da argumentação chinesa. Foi erguida a bandeira da luta contra o "social-imperialismo". Podia parecer, então, que aí se tratava de uma reedição de uma antiga tática ultraesquerdista em escala mundial — pelo exemplo da famosa teoria do social-fascismo da Komintern —, mas o alcance prático foi muito maior, pois afetava as relações entre potências socialistas. Não sabemos também até que ponto os dirigentes chineses acreditavam na existência de um "social-imperialismo". Nesse caso, teriam de acreditar também que a União Soviética é realmente um país capitalista e suas explicações sobre a propalada contrarrevolução havida (a morte de Stalin) não convencem. Em todo caso, quando se repete bastante uma afirmação, acaba-se acreditando nela e de modo não muito diferente se tinha dado o caso com o "social-fascismo" dos anos 1930.

No início do conflito, quando Pequim ainda nutria a esperança de atrair Partidos Comunistas de importância e formar uma espécie de Internacional não oficial, procurou afirmar-se como novo centro da Revolução Mundial, ressaltando o propalado caráter não socialista da União Soviética. Essa parte "teórica" da argumentação chinesa nunca pôde ser levada a sério. Há, aliás, um precedente no conflito da Iugoslávia com a União Soviética. Também a Iugoslávia tinha ensaiado uma teoria de "capitalismo do Estado", que existiria na URSS, mas somente enquanto durou o conflito aberto. Com a visita de Khrushchev a Belgrado, a Rússia tornou-se novamente socialista. A experiência mostra que, nesses casos, a teoria tem bases oportunistas, ela surge e desaparece em função de uma linha política pragmática, que tem primazia absoluta.

Hoje o aspecto "leninista" da argumentação chinesa passou para um segundo e para um terceiro plano e é sentido unicamente na medida em que não distorça as relações com o Ocidente. A nova "teoria dos três mundos" não serve para outro fim senão o de denunciar a União Soviética como a "superpotência mais perigosa" e o inimigo número um da humanidade.

Desde então, a China polícia sistematicamente a política soviética no mundo inteiro e toma por princípio uma posição antagônica nas diversas regiões do globo. Se anteriormente atacou Moscou por ter concordado em estabelecer "zonas de influência" com o imperialismo americano, o apoio soviético a revoluções africanas é hoje denunciado como "expansão do social-imperialismo". Desse modo, criou-se a situação paradoxal em Angola, em que a China apoia as forças ligadas ao Ocidente e à África do Sul. Na Revolução da Etiópia apoiou os separatistas da Somália e da Eritreia. No Afeganistão,

denunciou o movimento nacional-revolucionário. Na Europa, apoia o rearmamento e a CEE, por se tratar de alianças potenciais na luta contra o "social-imperialismo". Apoia igualmente e pleiteia a presença militar norte-americana no Japão, no Pacífico Sul e no Oceano Índico e, finalmente, Deng propôs, nos Estados Unidos, uma aliança sino-norte-americana contra a União Soviética. Não há dúvidas de que a política externa chinesa desempenhe atualmente um papel contrarrevolucionário em escala mundial.

Como devemos encarar esse aspecto da questão? Evidentemente devemos rejeitar e combater, na medida das nossas forças, a atitude chinesa em si e suas possíveis repercussões no seio da esquerda. As nossas diferenças com a política externa soviética, no presente momento, se ligam a medidas concretas de interpretação de uma tática comunista em diversos países. Em relação à chinesa não temos nem essa margem de desacordo. A nossa oposição a uma aliança sino-americana, dirigida contra o campo socialista, deve ser total e absoluta. Assim mesmo devemos tomar o cuidado de, nessa rejeição e nesse combate, não contribuir para desmoralizar, nos olhos do proletariado, o comunismo mais ainda do que o procedimento chinês já o fez. Devemos poder explicar a um operário medianamente politizado a situação e fazê-lo compreender os fatores que contribuíram para criá-la.

Não queremos repisar neste lugar a já conhecida problemática, criada pelo fato de a Revolução Mundial ter começado no país mais atrasado da Europa, na Rússia Czarista, enquanto o proletariado dos países capitalistas avançados ainda estava embalado por ilusões democráticas. Quero chamar atenção apenas sobre o fato de que também o internacionalismo proletário necessita de uma base material para prosperar e vingar e se tornar algo mais do que um lugar-comum. Essa base material é o proletariado, como classe amadurecida e politizada, cujo peso específico lhe assegure o papel dirigente, não só na revolução como também na fase da construção socialista. A Revolução Chinesa venceu como revolução agrária. O proletariado chinês, que teve um papel de destaque até 1927, aproximadamente, foi derrotado e sangrado em seguida pela repressão violenta de Chiang Kai-Shek e não teve papel maior nas lutas posteriores. A Revolução Chinesa foi do campo para as cidades, e o elemento ativo e fisicamente liderante era o camponês. A hegemonia proletária dessa revolução, que no início era burguesa (a Nova Democracia de Mao-Tse-Tung) e que se transformou em socialista, estava assegurada pela liderança comunista, pelo Partido. Mas este não podia fugir às lideranças ideológicas das bases camponesas e isso em medida crescente em que o movimento se expandiu. O camponês não é propriamente a base material do internacionalismo proletário. Para isso, seus modos de vida e de produção não contribuem. Sua ideologia é formada em torno da terra, da região, da "sua gente" e, se sair de uma sociedade burguesa desenvolvida, pode atingir o horizonte da nação. Na Revolução Chinesa, desde o início, estavam presentes elementos da xenofobia, que se confundiam com a luta contra a opressão estrangeira. Não era viável lá, por exemplo, a presença de estrangeiros na direção revolucionária, como se deu na Revolução Russa, com Djerzinski, Kuusinen e muitos outros, no início.

Mas também na Revolução Russa a tradição camponesa chegou a influir decisivamente. Apesar de ter se realizado sob hegemonia do proletariado industrial das cidades, este se esgotou fisicamente, em especial durante a Guerra Civil. A nova classe operária, criada durante a construção socialista, consistia em camponeses mandados para as fábricas. Tratava-se da primeira geração de operários industriais na época pós-revolucionária. Quando Stalin morreu, havia na União Soviética 40 milhões de operários recém-criados, que não tinham mais ligação direta com o proletariado revolucionário e rebelde da Rússia Czarista. Isso explica muita coisa no desenvolvimento da ditadura do proletariado na União Soviética — até hoje — e não é por acaso que o nacionalismo grão-russo teve um auge durante a Segunda Guerra Mundial, pois eram camponeses e camponeses transformados em operários que sustentaram a resistência contra o invasor fascista. Não explica tudo, porém, pois a liderança soviética, na primeira fase do confronto, não podia e, na última, não queria travar uma guerra revolucionária. O nacionalismo russo, os Aliados ocidentais podiam aceitar.

Elementos de nacionalismo entraram na política externa tanto da Rússia como da China. Mas já salientamos que há uma diferença, que tem a sua origem na situação objetiva dos dois países. Enquanto a União Soviética, no seu papel de potência socialista mais forte, canaliza para si a hostilidade ativa do mundo imperialista e é obrigada a apoiar revoluções socialistas fora das suas fronteiras, a China hoje pode aproveitar-se da situação criada. Mas o pode aproveitar somente enquanto a União Soviética não for posta em perigo. Se esta sucumbir a uma ofensiva do imperialismo, seria a China que teria de canalizar e aguentar o ódio do mundo capitalista — e ela, pelo seu grau de desenvolvimento, estaria em situação mais desvantajosa para se defender. É evidente que o papel atualmente desempenhado pela China na política mundial não só enfraquece o mundo socialista todo como tem algo de suicídio.

A atual situação, ela será transitória ou a longo prazo? Não acreditamos que as tendências suicidas se imponham entre as forças criadoras de uma nova sociedade. A prazo vencerão os interesses sociais,

econômicos e políticos comuns nessa parte do mundo, que já quebrou as cadeias do capitalismo. A médio prazo, entretanto, só vemos duas possibilidades de superar o atual impasse. Uma se daria se o imperialismo reforçar a sua pressão sobre todo o mundo socialista, de maneira que recorde todos os seus componentes (da Albânia, passando pela URSS, até a China) dos seus interesses vitais de sobrevivência. Mas isso, convenhamos, representa uma possibilidade bastante vaga no momento. O imperialismo aprendeu e prefere a divisão do campo socialista. Outra possibilidade é a de que a revolução prossiga para países com um proletariado desenvolvido, que exerça a hegemonia ideológica e física e que renove as bases materiais do internacionalismo proletário. Tal revolução repercutiria na política interna e externa do mundo socialista inteiro.

Para nós, o campo socialista é um só e nossa tarefa é lutar pela sua unidade. Unidade para nós não significa monolitismo, o que não passa de um produto artificial da burocratização do movimento comunista. Divergências e diferenças de concepção são próprias de um movimento vivo e criador e não contradizem uma ação comum e coordenada contra o inimigo comum, o capitalismo mundial e o imperialismo.

Esse ponto de vista nosso poderá parecer para muitos uma pretensão inócua frente às forças atuantes na política mundial. Mas trata-se de uma posição de princípios que não podemos deixar de defender, mesmo como minoria insignificante, e que se tornará força material com o desdobramento das lutas de classes em escala internacional.